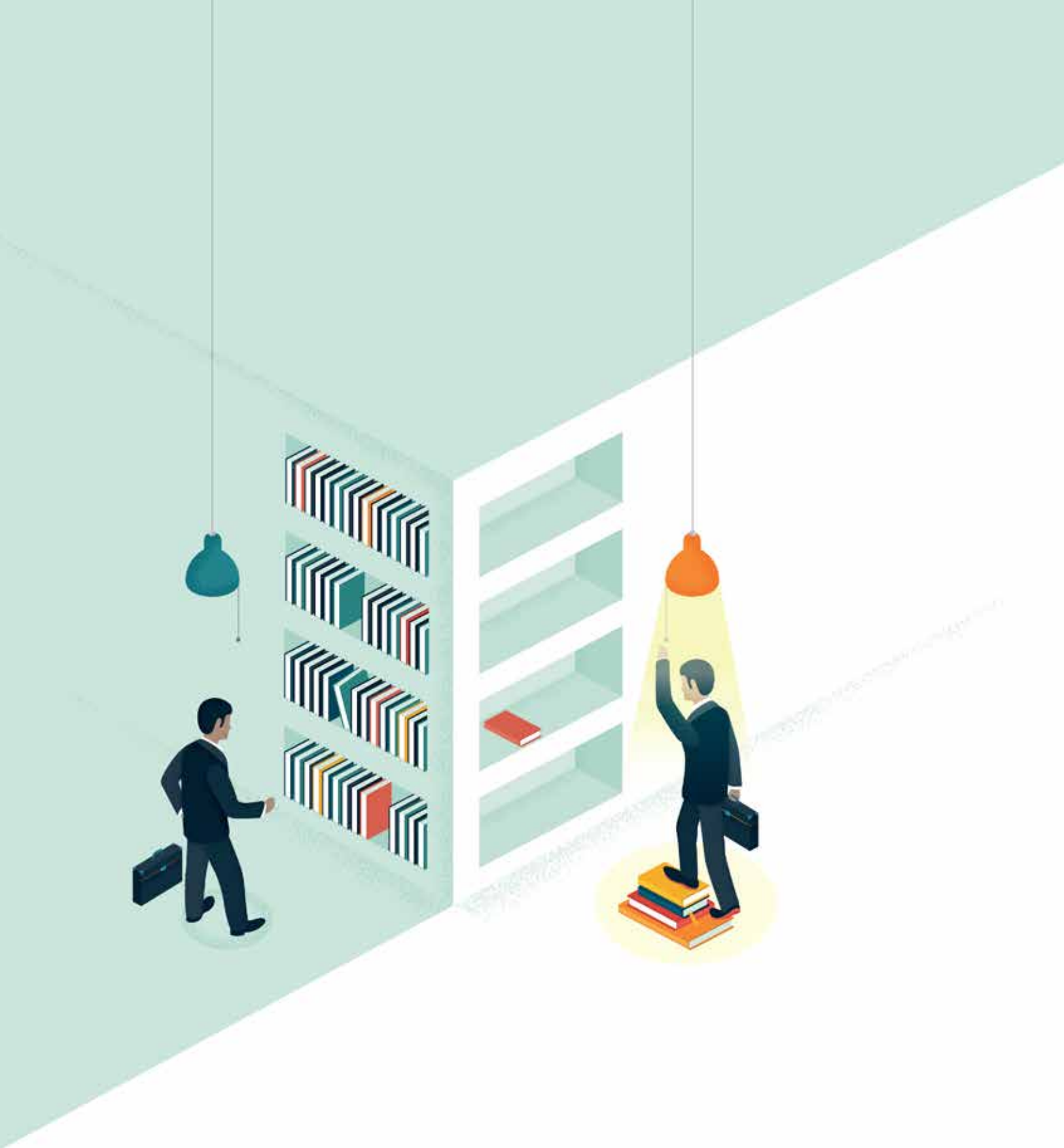

Ilustrações João Célio Caneschi

FRONTEIRAS ENTRE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E CAPACITAÇÃO PARA O TRABALHO

POR ***SIGMAR MALVEZZI***

A educação profissional é uma prática milenar, pressuposta na civilização antes mesmo dos registros históricos e constatada desde as "aulas" de formação de mão de obra, promovidas por Numa Pompílio para alavancar a construção de Roma, que evoluiu em saltos qualitativos para dar conta dos avanços da civilização. Sua existência revela a necessidade de aprendizagem do desempenho profissional pelo seu diálogo com o desenvolvimento da produção econômica, com a maturação cultural e as diferentes institucionalizações do trabalho.

Hoje, ainda em evolução, a aprendizagem para o trabalho responde à demanda de competências complexas para sustentar, até mesmo, desempenhos com demandas acima dos limites do ser biológico. Sua ampla e efetiva contribuição revela seu papel crucial na sustentabilidade da sociedade. Esse papel toma espaço na reinstitucionalização do trabalho, da forma do emprego para o chamado "trabalho autônomo precário", no qual a aprendizagem do desempenho no trabalho ganhará mais complexidade e desafios. Nessa transição, a educação profissional alimenta a esperança dos jovens, instrumentaliza o crescimento econômico e viabiliza os projetos de produção.

Como essa prática evoluiu e como se apresenta? Essa questão inspirou este ensaio cujo objetivo não é oferecer definições, mas enriquecer a compreensão da educação profissional pela análise de sua história, bases, mecanismos e condições. Seja qual for o conceito, ou definição dessa prática, seu conteúdo nunca será um conhecimento acabado e definitivo. As definições são meros pontos de partida, a serem retomados no desenvolvimento da compreensão do mundo.

A EVOLUÇÃO DA APRENDIZAGEM DO DESEMPENHO NO TRABALHO A demanda, evolução e efeitos da educação profissional são encontrados em todos os povos (Wallman, 1979), demonstrando o caráter transversal do aprendizado do desempenho no trabalho nos diferentes estágios de desenvolvimento da civilização, na diversidade cultural e no pluralismo ideológico. Essa transversalidade expõe a interface entre a condição humana e a produção econômica, desde as comunidades agrícolas do povo hebreu, até a competição que hoje sustenta o capitalismo financeiro globalizado.

Até a era industrial, essa prática esteve integrada ao processo de socialização, regulado e protagonizado pelas famílias e comunidades. O desempenho produtivo era aprendido pela observação, ensinamentos e participação no trabalho dos membros mais velhos e experientes do grupo social. Essa relação pedagógica entre distintas gerações preparava o cidadão e o trabalhador para a vida em comunidade. O auge dessa fórmula "doméstica" de aprendizagem para o trabalho aparece nas "guildas" medievais (associações de comerciantes, artistas, artesãos), onde o mestre exercia parte do pátrio poder da família sobre o aprendiz.

Esse ciclo de educação integrada do cidadão e do trabalhador foi interrompido pela invenção do "sistema de fábrica", no século 18, que institucionalizou o trabalho na forma do emprego. A aprendizagem para o trabalho foi separada da socialização do cidadão e deslocada para dentro das paredes das indústrias. Essa separação foi aprofundada pela diferenciação ocupacional, gerada pelo desenvolvimento tecnológico, pela busca do controle da produção e da produtividade e pelo crescimento da mão de obra operária, que demandava atividades coletivas de capacitação.

Dentro do chão de fábrica, surgiram as *cubicle classes*, em áreas separadas, porém próximas das máquinas. A eficácia dessas classes foi o germe das escolas técnicas e instituições especializadas em formação profissional. Desde o final do século 19, escolas e instituições povoaram o cenário da produção econômica e se aliaram às empresas, para responder às exigências de desempenhos complexos e à crescente demanda de mão de obra especializada (Malvezzi, 2015). Desde então, as empresas reconhecem suas próprias limitações para capacitar mão de obra especializada e institucionalizaram sua dependência de "capacitadores" externos a seus muros. Essa fórmula facilitou a absorção do avanço da ciência no aprendizado do desempenho de sua mão de obra.

Funcionando a "quatro mãos", a aprendizagem do desempenho profissional evoluiu em formatos e serviços de capacitação, *pari passu* ao ritmo do avanço tecnológico e do crescimento econômico, diversificando os contextos de aprendizagem para dar conta de desempenhos cada vez mais qualificados. Hoje, a capacitação profissional extrapola os muros do local de trabalho e das instituições educacionais, funcionando no ambiente *hardware* dos livros e aulas presenciais, no ambiente virtual de educação a distância e no ambiente artesanal do autodidatismo e dos tutores individuais – *coaches*.

Assim diversificada, a aprendizagem profissional ampliou o leque de trajetórias curriculares, a duração dos programas e as metas de formação. Hoje, seu planejamento requer o reconhecimento das potencialidades e limitações de sua diversidade instrumental, o acompanhamento de suas interfaces com aspirações e ideias de existência e sua interlocução com as demandas da produção econômica.

Essa ampliação de sua identidade e a multiplicidade de seus fatores tornaram a aprendizagem dos desempenhos profissionais uma atividade de livre mercado, aberta a amplo espectro de iniciativas, por quem se interessasse pela oferta desses serviços. Regulada pelo mercado, a aprendizagem profissional evoluiu como fenômeno plural, formatado pelas chamadas universidades corporativas, pelas parcerias entre diferentes instituições, pelas redes eletrônicas de cursos, programas e disciplinas, e pelos grupos informais de estudo. Sua abertura enriqueceu os desenhos pedagógicos cujas potencialidades são ainda desconhecidas e não se esgotam. Suas variáveis foram multiplicadas pela diferenciação de protagonistas, pela flexibilização das fronteiras entre seus meios e fins e pela diversificação de sua governança e avaliação. Embora eficaz, a aprendizagem do trabalho profissional está cercada de incertezas, debates e críticas que desafiam as políticas públicas, as universidades, as empresas e as instituições especializadas que a protagonizam.

Embora dinamizada por tantos ventos, a aprendizagem do desempenho no trabalho goza de algum consenso quanto ao seu caráter artesa-

nal, eficácia e competência para acompanhar *pari passu* a evolução da sociedade, das tecnologias e da produção econômica. Esse consenso não anula a diversidade de racionalidades, mas revela os conflitos entre elas e sua capacidade de manejar alicerces, objetivos, métodos protagonistas e ideologias (Sartori, 2015). Muitas instituições compartilham projetos bem-sucedidos, alicerçados em racionalidades diversas.

Em recente ensaio sobre esses conflitos, Paola Mastrocola (2015) questiona as justificativas, avaliação e eficácia dos programas de educação e capacitação profissional, ilustrando seu ponto de vista com a análise de um curso técnico de treinamento da respiração em mergulho (habilidade biológica). Ela questiona a utilidade de atividades curriculares como passeios de barco, filmes sobre o voo do albatroz e mensuração do perímetro de pequenas ilhas. Idêntico questionamento poderia ser aplicado a programas de educação de gestores, que colocam seus alunos em maratonas e desafios de atividades físicas, jogos e contextos divertidos que, aparentemente, têm baixa consistência com suas metas educacionais.

Essas racionalidades geraram a estratificação da aprendizagem profissional em programas diferenciados como formação, aperfeiçoamento, especialização, aprofundamento, expansão e *stricto sensu*. Eles revelam diferentes trajetórias de aprendizagem que, tendo em comum a transmissão de conhecimentos, o fomento à sua aplicação na solução de problemas, a oferta de oportunidades de aquisição de habilidades, informações e atitudes requeridas para o desempenho no trabalho, articulam caminhos distintos como se estivessem atendendo a objetivos diferentes.

Essa estratificação revela a complexidade da aprendizagem profissional, sua dependência de racionalidades, o pluralismo de seus valores, a amplitude de seus serviços e seu caráter artesanal. Nela, os aprendizes e profissionais dispõem de uma variedade de caminhos que os enriquece e deixa inseguros para escolher aquele que melhor responde às necessidades de seu projeto de carreira. Esse paradoxo é agravado pelas idiossincrasias das expectativas pessoais de quem espera soluções evidentes e ignora seu próprio protagonismo na escolha pela reflexão crítica. Como superar essa dificuldade de discriminação entre as trajetórias de aprendizagem profissional? Essa questão demanda a compreensão das fronteiras entre educação e capacitação profissionais.

O QUE É EDUCAÇÃO PROFISSIONAL? Examinada como atividade técnica, a educação é uma ação preventiva, voltada para o desenvolvimento de estruturas criadoras e abrangentes, sobre as quais o aprendizado de tarefas específicas será alicerçado ao longo da história do indivíduo. Trata-se da etapa de instrumentalização profunda do ser biológico e intersubjetivo para sustentar seu aprendizado de adaptação ao mundo e de elaboração de seus projetos de vida. Educar não é treinar. O treinamento responde a demandas específicas de missões e tarefas que despontam no "aqui e agora" do trabalho. Educação é um desenvolvimento generalizado, voltado para a criação de recursos transcendentes ao aqui e agora, que constituem uma plataforma sobre a qual o indivíduo diferencia e integra competências específicas. Essa plataforma capacita o indivíduo para a compreensão do mundo, de seus eventos e problemas, assim como inspira projetos, aspirações e a busca das novas competências. A partir da plataforma, o indivíduo compreende sua existência no mundo, suas dificuldades, tarefas, necessidades e a razão de ser de seus projetos profissionais.

A palavra "educar" expõe a abrangência do campo da adaptação humana, ao definir como alvo o agir existencial, diferenciando-o de sua viabilização pelo agir funcional. A educação constrói a compreensão do mundo, que dá sentido às relações entre seus eventos, tarefas, problemas e soluções. A expressão "treinar diferentemente" delimita a abrangência da aprendizagem ao universo do desempenho de tarefas para a produção de resultados específicos.

Essa diferenciação entre educação e treinamento foi descoberta e explorada no final do século 19, nas pesquisas de Alfred Binet e Robert Yerkes (Malvezzi, 1999). Eles descobriram que a eficácia do treinamento de tarefas dependia da potencialidade de aprendizagem, base profunda que servia como critério de predição do sucesso no aprendizado de tarefas. Hoje, a competição pela matrícula em escolas de alto nível sinaliza o reconhecimento e a importância dessa base, na qual a qualidade da escola faz diferença.

A instituição da *grammar and comprehensive schools* no sistema educacional britânico decorre do reconhecimento de potenciais diferenciados de aprendizagem, que permitem o direcionamento do aluno para o aprendizado mais conceitual, ou mais técnico e operacional. Da mesma forma, projetos de preparação de sucessores, nas famílias que administram grandes negócios, incluem tutorias na elaboração de trajetórias educacionais para seus herdeiros, desde a etapa de alfabetização, visando à formação da potencialidade de aprendizagens pela educação em boas instituições. Qual a diferença entre trajetórias de formação para a construção da base de aprendizagem e trajetórias circunscritas à aplicação de conhecimentos, para a realização eficaz de algumas tarefas? A resposta a essa questão requer alguma análise do ser biológico e intersubjetivo.

BASES BIOLÓGICAS E SUBJETIVAS DA APRENDIZAGEM DO DESEMPENHO Portador de estruturas biológicas e intersubjetivas que abrigam e balizam a aquisição de competências e desempenhos, o aprendizado profissional é viabilizado por atividades curriculares articuladas em trajetórias que, respeitando o ritmo e considerando as condições subjetivas e biológicas do indivíduo, oferecem "tarefas" cuja realização demanda diferenciação de suas estruturas internas. Dessa diferenciação despontam as habilidades físicas, sociais, cognitivas, tácitas, intuitivas e simbólicas, que integradas entre si, são acionadas pela reflexão e motivação para instrumentalizar a ação. As raízes profundas dessas habilidades e de sua potencialidade de diferenciação têm origem na memória e na imaginação. Desde o nascimento, essas duas potencialidades humanas são desenvolvidas e diferenciadas nas estruturas subjetivas e biológicas que instrumentalizam a ação. Pelo exercício integrado da memória e da imaginação, o indivíduo cria estruturas que armazenam e articulam informações e sentidos, potencialmente diferenciáveis *ad infinitum*, em competências que instrumentalizam a compreensão e a realização de tarefas. A educação cria essas estruturas básicas e a capacitação diferencia as potencialidades nelas existentes.

A compreensão do mundo e de seus problemas, bem como a ação e adaptação para realizar projetos, decorrem das articulações entre memória e imaginação. As competências para a ação são adquiridas em processo de aproximação sucessiva, começando pela capacidade de reconhecer, evoluindo para a capacidade de reproduzir, e daí, para a capacidade do fazer (Seneda, 2013). Armazenar, diferenciar e integrar estoques de memória, dinamizados por sentidos e abertos a rearranjos criativos, são ações que o indivíduo protagoniza, estimulado e apoiado pelas atividades curriculares, elaboradas para a realização de suas potencialidades de aprendizagem. Através de seu protagonismo, o indivíduo assume seu desenvolvimento, balizando ao longo do tempo a diferenciação *ad infinitum* de suas estruturas biológicas e intersubjetivas. Suas novas competências nascem dessa diferenciação sobre estruturas já desenvolvidas. As instituições educacionais oferecem trajetórias, mas o protagonista é o próprio aprendiz. O *know-how* das instituições especializadas em educação e capacitação profissionais articula as trajetórias sobre essas condições, o ser biológico e intersubjetivo.

Essa articulação está sujeita a riscos, ao perambular pelo mercado de opiniões, ideologias e trajetórias, cristalizadas e acabadas, que podem confundir educação e treinamento, ou priorizar “bolhas” culturais limitadas ao aqui e agora. Novas tecnologias e inovações são bem-vindas, desde que dialoguem com e se apoiem na transcendência biológica e intersubjetiva do ser humano. A educação profissional pode ser prejudicada por modismos e ideologias, se eles inibirem o livre e fértil desenvolvimento e integração da memória e da imaginação. Assim, a valorização de inovações em programas de educação pode fomentar a expectativa de pioneirismo tecnológico e técnico, mas limitar o empreendimento na memória e na imaginação.

Como avaliar a educação profissional? Não há respostas certas e acabadas para essa questão, mas não seria a busca da compreensão do mundo, o principal produto da educação profissional, e o aprendizado de tarefas, o produto da capacitação profissional? A educação profissional desenvolve a plataforma de potencialidades (Cohen & Levinthal, 1990), sobre a qual o treinamento viabiliza o desempenho de tarefas específicas.

COMPREENDER E CONHECER A compreensão do mundo decorre da plataforma que dá sentido, direção e instrumentalidade para o agir. É a competência sobre a qual as habilidades funcionais nascem, ganham força e sentido. Não seria então a busca da compreensão, o objeto dos programas de educação profissional e o critério de avaliação de sua eficácia? Educar seria a articulação de trajetórias que fomentassem o protagonismo do indivíduo na compreensão do mundo, de seus eventos, causas, efeitos, interfaces, interconexões e história. Em uma sociedade que cresce em flexibilidade e velocidade, onde não há lugar para verdades acabadas e definitivas, não seria esse protagonismo o sinal de que o indivíduo está empreendendo o desenvolvimento de sua plataforma de base, a partir da qual ele aperfeiçoa e sustenta seus desempenhos profissionais? De que adianta conhecer mais, se o novo conhecimento não fertiliza a compreensão do mundo e de seus eventos?

A compreensão é uma competência que o indivíduo desenvolve desde sua mais tenra infância e que o capacita a usar, diferenciar e integrar os estoques armazenados em sua memória e dinamizados pela sua imaginação. Trajetórias de aprendizagem tanto podem direcionar e fertilizar, como podem limitar esses estoques e sua utilização. Um tradutor pode aprender a verter um texto para outro idioma, limitando seu desempenho à forma correta da linguagem, ou aprender a reescrever o texto no outro idioma, na "riqueza" de suas nuanças. Essas duas formas de desempenho não farão diferença na compreensão que o leitor tem do texto? Uma tradução pode ser um trabalho mecânico correto, ou um trabalho que enriquece a compreensão do texto e do idioma pela cultura que os contextualiza.

Analogamente, o médico pode aprender a atender pacientes, limitando-se a receitar alguns remédios para curar infecções, ou aprender a tratar da saúde do paciente através do episódio da infecção. Essa diferença entre condutas profissionais expõe a distinção entre educação e capacitação profissionais, explicada acima. É possível desenvolver o profissional limitando sua aprendizagem ao desempenho correto de suas tarefas, ou desenvolvê-lo para ver e compreender a empresa, a sociedade e o futuro a partir de suas tarefas.

Não estaria no reconhecimento de dois objetos de aprendizagem, a fronteira entre educação e capacitação profissionais? Um deles, limitado ao resultado funcional das tarefas e voltado para o aperfeiçoamento do desempenho demandado pela tarefa. O outro, transcendendo a tarefa, visa a compreensão da tarefa e de suas relações com a sociedade, a empresa e a própria carreira. Conhecer e compreender são competências distintas, que fazem diferença na qualidade e sustentabilidade dos desempenhos e no alcance de seus resultados. Essa distinção não responderia ao questionamento proposto por Paola Mastrocola?

Sigmar Malvezzi, PhD, é professor da Fundação Dom Cabral.

PARA SE APROFUNDAR NO TEMA

COHEN, Wesley M.; LEVINTHAL, Daniel A. Absortive capacity: a new perspective on learning and innovation. *Administrative Science Quarterly*, Ithaca, v. 35, n. 1, p. 128-152, Mar. 1990.

MALVEZZI, Sigmar. Psicologia Organizacional. Da administração científica à globalização: uma história de desafios. *In*: Constança Gomes Machado; Madalena Melo; Vitor Franco; Nuno dos Santos (Org.). Interfaces da Psicologia. 1. ed. Braga: Lusografe, 2000, v. II, p. 313-326.

MALVEZZI, Sigmar. The history of training. In: Krieger, Kurt et al. (editors). *The Psychology of training, development and performance improvement*. London: Wiley Blackwell, 2015. p. 13-31.

MASTROCOLA, Paola. Le lezioni d'amore per il latino e greco, *Il Sole 24 Ore*, Milano, 14 mar. 2015. Domenica.

SARTORI, Giovanni. *La corsa verso il nulla*. Milano: Mandatori, 2015. 105 p.

SENEDA, Marcos Cesar. A aquisição da memória e da imaginação na filosofia experimental de David Hume. Síntese, v. 40, n. 126, p 5-23, jan./abr. 2013.

WALLMMAN, Sandra. *Social Anthropology of Work*. London: Academic Press, 1979. 413 p.